

CARLOS ELISIO NASCIMENTO DA SILVA

**VOZEAMENTO NA PRONÚNCIA DE UMA LÍNGUA
ESTRANGEIRA: descrição de desvios comuns e como eles
afetam o aprendizado do inglês**



ARARAQUARA – S.P.
2013

CARLOS ELISIO NASCIMENTO DA SILVA

**VOZEAMENTO NA PRONÚNCIA DE UMA LÍNGUA
ESTRANGEIRA:** descrição de desvios comuns e como eles
afetam o aprendizado do inglês

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Letras.

**Orientadora: Profa. Dra. Gladis Massini-
Cagliari**

ARARAQUARA – S.P.
2013

Silva, Carlos Elísio Nascimento da
Vozeamento na pronúncia de uma língua estrangeira:
descrição de desvios comuns e como eles afetam o
aprendizado do inglês / Carlos Elísio Nascimento da Silva –
2013

33 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)

ORIENTADOR: GLADIS MASSINI-CAGLIARI

1. Fonologia. 2. Fonética. 3. Vozeamento. 4. Coda.
5. Língua inglesa. I. Título.

CARLOS ELISIO NASCIMENTO DA SILVA

**VOZEAMENTO NA PRONÚNCIA DE UMA LÍNGUA
ESTRANGEIRA:** descrição de desvios comuns e como eles
afetam o aprendizado do inglês

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Letras.

**Orientadora: Profa. Dra. Gladis Massini-
Cagliari**

Data da defesa/entrega: 09/12/2013

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari - UNESP

Membro Titular: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti - UNESP

Membro Titular: Ma. Natália Cristine Prado - UNESP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que me ajudaram em toda a minha formação, meus pais, professores, colegas e alunos, proporcionando os resultados gerados hoje. Em especial, agradeço aos docentes Profa. Dra Gladis Massini-Cagliari, minha orientadora, e ao Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, por terem me mostrado como a Fonética e a Fonologia são ciências interessantes e importantes para se ter uma formação linguística consistente. Além disso, sou grato por todas as reuniões e conversas que tivemos e geraram tantos frutos em minha vida.

RESUMO

Este trabalho analisa a ocorrência do vozeamento na coda de palavras em português e em inglês pronunciadas por falantes brasileiros. O intuito de se fazer esse tipo de análise foi o de descrever como as ocorrências do vozeamento afetam a realização e a percepção de palavras estrangeiras. Foi notado que há uma recorrência do uso de codas desvozeadas em português, o que se pressupunha ocorrer também em inglês quando falantes de português brasileiro o utilizam como língua estrangeira. As gravações foram analisadas pelo programa Praat, que gera formas de onda e espectrogramas, permitindo que os segmentos sejam divididos e transcritos. A análise mostrou que o pressuposto era verdadeiro, concluindo que os falantes que tiveram suas falas gravadas realmente produziam codas desvozeadas. As conclusões a esse respeito levam em conta que, como pares mínimos podem ser gerados em inglês baseados no vozeamento da coda, há uma possível dificuldade de comunicação que brasileiros podem enfrentar devido a esse fato, mas que passa despercebido, por esse processo soar tão natural que dificilmente é encarado como uma fonte de problemas.

Palavras – chave: Fonologia. Fonética. Vozeamento. Coda. Inglês.

ABSTRACT

This paper analyzes voicing occurrences on the coda of Portuguese and English words pronounced by Brazilian speakers. The aim of this kind of analysis is to describe how voicing occurrences affect the realization and perception of foreign words. It was noted that there is a recurrence on the use of unvoiced coda in Portuguese, which was assumed to happen also in English when Brazilian Portuguese speakers use it as a second language. The recordings were analyzed through Praat, software that generates waveforms and spectrograms, allowing segments to be divided and phonetically transcribed. The analysis proved the assumption to be true, concluding that speakers who had their speeches recorded produced unvoiced codas in fact. Conclusions concerning this take into consideration that, considering how minimal pairs in English can be produced based on coda voicing, there is a possible communication difficulty Brazilians may face due to this fact. But it goes by unnoticed, because this process sounds so natural it hardly is taken as a problem source.

Keywords: Phonology. Phonetics. Voicing. Coda. English.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Explicação dos elementos do programa Praat	18
Figura 2	Tela do Praat analisando a palavra <i>bathe</i> pelo informate 1	19
Figura 3	Tela do Praat analisando a palavra <i>bathe</i> pelo informante 2	19
Figura 4	Tela do Praat analisando a palavra <i>hath</i> pelo informante 1	20
Figura 5	Tela do Praat analisando a palavra <i>hath</i> pelo informante 2	21
Figura 6	Tela do Praat analisando a palavra “deste”	23
Figura 7	Tela do Praat analisando a palavra “desde”	23
Figura 8	Processo de assimilação regressiva do arquifonema /S/ no português	24

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Lista com as realizações das palavras <i>bathe</i> e <i>hath</i> por cada informante	21
-----------------	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

#	Silêncio
C	Consoante
C ₋	Consoante desvozeada
C ₊	Consoante vozeada
LE	Língua estrangeira
/S/	Arquifonema fricativo
V	Vogal

QUADRO DE SÍMBOLOS

QUADRO FONÉTICO SONORO

Baseado no Quadro Fonético Internacional (IPA-2005)

• CONSOANTES* (mecanismo de corrente de ar pulmonar)

	Bilabial	Labio-dental	Dental	Alveolar	Pós-alveolar	Retrofl.	Palatal	Velar	Uvular	Faringal	Epi-glotal	Glotal
Oclusiva	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ	ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ			
Africada				tʃ dʒ								
Fricativa	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ	ɦ ɦ
Fricativa lateral				ɬ ɮ								
Vibrante	ʙ			r					ʀ			
Tepe (ou flepe)				ɾ		ɽ						
Flepe lateral				ɻ								
Aproximante		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ				
Aprox. lateral				ɻ		ɻ	ʎ	ʟ				

* Em relação aos símbolos que aparecem em pares, o símbolo da direita representa uma consoante vozeada.

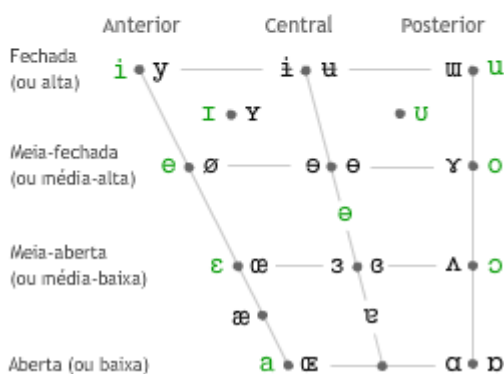
* As áreas em cinza denotam articulações que considera-se serem impossíveis.

• CONSOANTES

(mecanismo de corrente de ar não-pulmonar)

Cliques	Implosivas vozeadas	Ejectives
ʘ Bilabial	ɓ Bilabial	ʼ Exemplos:
ɰ Dental	ɗ Dental/Alveolar	ɸ' Bilabial
ɰ' Pós-alveolar	ɟ Palatal	t' Dental/Alveolar
ɰ' Palato-alveolar	ɡ Velar	k' Velar
ɰ' Lateral-alveolar	ɠ Uvular	s' Fricativa alveolar

• VOGAIS**



Disponível em: <<http://fonologia.org>>. Acesso em 18 nov. 2013.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 Processos fonológicos	14
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
3.1 Ferramentas utilizadas	17
3.1.1 Sobre o uso do PRAAT	17
3.2 Análise dos dados	18
3.3 Pesquisa em material didático	26
4 CONCLUSÃO	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Hoje em dia, estudar uma língua estrangeira, como o inglês, se tornou uma necessidade em praticamente todo o campo acadêmico e em carreiras que visam um crescimento que estabeleça contatos com o exterior. Assim sendo, o estudo da pronúncia surge como um elemento essencial não só para se estabelecer uma descrição apropriada do que se espera da fala dos aprendizes, mas também como uma base que facilite a produção de materiais de ensino.

Tal observação é reforçada ao se entrar em salas de aula de escola de inglês e ler notícias sobre o desempenho brasileiro no ensino de língua estrangeira como as publicadas em sites como o da BBC, que aponta: “De acordo com o EF English Proficiency Index (EF EPI) de 2012, o país está na 46ª posição em um ranking que considera 54 países.” (BBC, 2012).

Com isso em mente, este trabalho se dispõe ao estudo de um caso específico da fonologia da língua portuguesa: como o vozeamento na coda é realizado e como isso pode afetar a produção e a interpretação de enunciados orais na língua inglesa como L2. Sabe-se que, em português, os sons que ocorrem em final de palavra passam por processos fonológicos caracterizados por enfraquecimento, desvozeamento, ensurdecimento, apagamento e redução (Cagliari, 2002, p. 99-105). Já em inglês, há processos de redução em final de palavras, mas eles são diferentes dos do Português. Devido a essa diferença, o estudo de como o vozeamento se dá em português ajuda a entender um grupo de desvios típicos e como eles afetam a compreensão da língua inglesa, que não estabelece os mesmos processos fonológicos.

Porém, considerando esse fenômeno, nota-se, na experiência em sala de aula, que, por mais que aprendizes produzam falas que são consideradas erradas, o vozeamento permanece, foneticamente, paralelo ao que se era esperado, gerando, assim, um padrão de desvio que é previsível e baseado nos processos fonológicos do português. Pensando nesses processos, foram feitas gravações com o intuito de se observar a produção da fala de brasileiros, descrevendo assim os fenômenos típicos dessa língua, dentro da variedade do interior de São Paulo, e essas gravações serão comparadas com outras desses mesmos informantes ao pronunciarem palavras em inglês, descrevendo quais desvios se mostram comuns. Será considerado um recorte com o vozeamento sendo analisado, dentre vários possíveis desvios, para se entender sua ocorrência e como ele pode afetar a pronúncia do inglês.

Sabendo que o vozeamento por si só não é capaz de descrever com abrangência o universo de desvios possíveis, ele se mostra suficiente para este trabalho, considerando que os

dados gravados poderão ainda ser usados em pesquisas futuras e proporcionar a descrição de outros processos, gerando, assim, uma base de dados útil àqueles que desejam melhorar sua pronúncia ou planejam usar o material para ensino.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este estudo se fundamenta nos pressupostos teóricos da análise fonológica baseada no modelo fonêmico (CAGLIARI, 2002).

Para basear os dados sobre a fonologia inglesa foram escolhidos os livros “Pronúncia do Inglês” (SILVA, 2012) e “*English Pronunciation for Brazilians*” (GODOY, GONTOW, MARCELINO, 2006).

2.1 Processos fonológicos

O vozeamento caracteriza-se pela vibração das cordas vocais. Dizemos que um som é vozeado quando essa vibração ocorre, como em [z], e desvozeado quando não ocorre, como em [s]. Do ponto de vista da fonologia do inglês, um par de sons comuns e que causa problemas para brasileiros e vários outros povos é composto pelas consoantes dentais fricativas vozeada [ð] como em *they* e desvozeada [θ] como em *think*. Na tentativa de produzi-las, ocorre uma mudança no ponto ou modo de articulação e outros sons são realizados, como [f], [s], [t] ou [tʃ] na tentativa de se falar [θ], gerando pronúncias como [fɪŋk] e [sɪŋk] para *think* e [v], [z], [d] ou [dʒ] para a produção de [ð], gerando pronúncias como [deɪ] para *they*.

Dos processos fonológicos descritos por Cagliari (2002, p. 99), consideramos a assimilação, sendo egressiva em português, em que o vozeamento se altera de acordo com as propriedades fonéticas do segmento apresentado à frente (deste ['deɪstʃɪ] / desde ['dezdʒɪ]) e progressiva em inglês, ocorrendo a alteração devido às propriedades dos elementos anteriores, como no caso das desinências verbais e suas possíveis pronúncias (begged [bɛgd] / picked [pɪkt]).

Contribuindo sobre essa definição, temos, segundo Silva (2005, p. 50):

A observação do vozeamento ou desvozeamento de **s** em final de sílaba quando seguido de outra consoante não apresenta dificuldade para falantes do português. Assim o **s** em “casca” é percebido como desvozeado e o **s** em “rasga” é percebido como vozeado. A observação do vozeamento ou desvozeamento de **r** em final de sílaba quando seguido de outra consoante apresenta desafios em termos auditivos para os falantes do português (cf. A percepção do **r** desvozeado em “arca” e do **r** vozeado em “carga”).

Também observamos a Neutralização (CAGLIARI, 2002, p. 46), que se dá quando “dois sons foneticamente semelhantes ocorrem em oposição fonológica em certos contextos,

mas não estão em oposição fonológica em outros contextos”. Como exemplo, podemos pensar em /s/ e /z/, que são sons distintos em muitas palavras na posição de onset, como [asa] e [aza] (assa e asa), [kasa] e [kaza] (caça e casa). Porém, pode-se observar o arquifonema /S/ na posição de coda e assim temos o mesmo caso de *deste/desde* acima.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para que uma análise fonológica seja eficiente, ela necessita de dados coletados e analisados com precisão fonética.

Dessa forma, a coleta foi feita com cuidado, considerando distúrbios ambientais e utilizando equipamentos que fornecessem uma gravação de qualidade e uma análise que representasse bem as informações pertinentes ao trabalho.

Os informantes foram escolhidos por serem aprendizes de inglês, com experiências variadas. Ao todo foram 13, sendo cinco homens e oito mulheres, todos do interior de São Paulo. A experiência com aprendizado de inglês variou de 2 meses a 13 anos, sendo que apenas um dos informantes chegou a estudar fora do país.

Esses dados foram coletados com o intuito de saber se alguma dessas características influenciaria os resultados.

A coleta se deu em quatro etapas:

- (a) Os informantes leram as seguintes palavras em português: Épico, banco, rito, torta, torneira, soar, comida, leite, cama, pomada, dia, roda, paralelo, sorvete, rapto, dado, dedo, ferir, desde, deste, rapaz, rapazes e paz.
- (b) Em seguida, estes pares mínimos em inglês: Epic/Ethic, Cap/Cath, Babe/Bathe, Hap/Hath, Bare/There, Sheet/Sheathe, Bay/They, Sight/Scythe, Suit/Soothe, Teethe/Teas, Booth/Booze, Pale/Bale, Then/Zen, Pax/Backs, Paul/Ball.

- (c) Então, as seguintes orações:

I worked there last year.

I see no problem at all.

He begged to get accepted.

The path to the bar is clear.

He bathes every morning.

Think of a new word.

I thought she passed the exam.

- (d) Por fim, este parágrafo: Cooking is the art or practice of preparing food with the use of heat for consumption. Cooking techniques and ingredients vary across the world, reflecting cultural traditions. Cooks themselves also vary in skill and training. Cooking can also occur through chemical reactions without the presence of heat. Sushi also utilizes a similar

chemical reaction between fish and the acidic content of rice glazed with vinegar. (WIKIPEDIA, 2013)¹.

As palavras em português serviram para definir quais formas fonéticas eram comuns na fala desses informantes. A partir delas, se estabeleceu quais processos fonológicos eram comuns no português e como eles seriam reinterpretados em uma L2. As etapas em inglês mostraram como essas formas fonéticas eram produzidas em outra língua, buscando sempre observar os desvios e se eles eram característicos desses processos fonológicos do português.

Nesse momento, a análise das faixas contendo as frases e o parágrafo não foi feita, pois ela conduzirá a uma análise mais complexa, considerando a prosódia e outros elementos que não serão abordados nesse trabalho.

3.1 Ferramentas utilizadas

Para se fazer a gravação dos áudios, foi utilizado o programa *Audacity*, que proporciona opções de controle de faixa e amplificação. Com ele, foi possível melhorar as faixas para que a análise ficasse mais clara. Como microfone escolhido, usou-se o *Microsoft lifechat lx-3000*.

Cada um dos 13 informantes gravou quatro faixas que foram analisadas acusticamente com o programa *Praat*. Esse programa gera formas de onda e espectrogramas que propiciam a análise dos formantes e a segmentação dos fones.

3.1.1 Sobre o uso do Praat

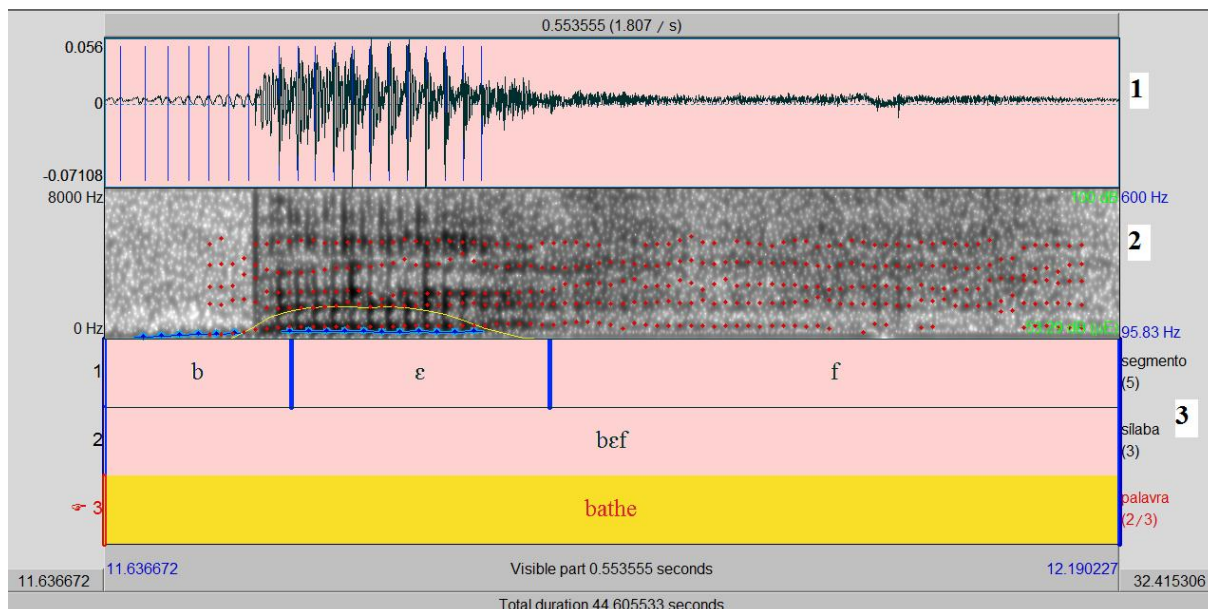
Para fazer as análises das transcrições fonéticas, os áudios gravados foram abertos no programa *Praat*, que gerou uma forma de onda, um espectrograma e uma *textgrid* para anotar a segmentação dos sons. Com isso, a transcrição foi feita observando as características acústicas das palavras gravadas, como seus formantes e intensidade.

As transcrições que serão apresentadas a seguir foram desenvolvidas da seguinte forma: Cada tela representa a análise das formas de onda e espectrogramas. Nelas, podemos gerar espaços para edição em que é possível digitar símbolos fonéticos. O programa permite também marcar com barras a divisão entre dois sons, o que facilita a leitura da transcrição. Neste trabalho a divisão foi feita em três linhas, sendo a primeira a representação isolada de

¹ Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Cooking>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

cada segmento, a segunda das sílabas formadas e a última a palavra ortográfica. Em (1) visualização da forma de onda, (2) espectrograma e (3) três linhas, ou *tiers*, que são o espaço em que se pode arrastar barras para dividir fonemas, fonemas, e representações gráficas.

Figura 1 – exemplo de tela do PRAAT



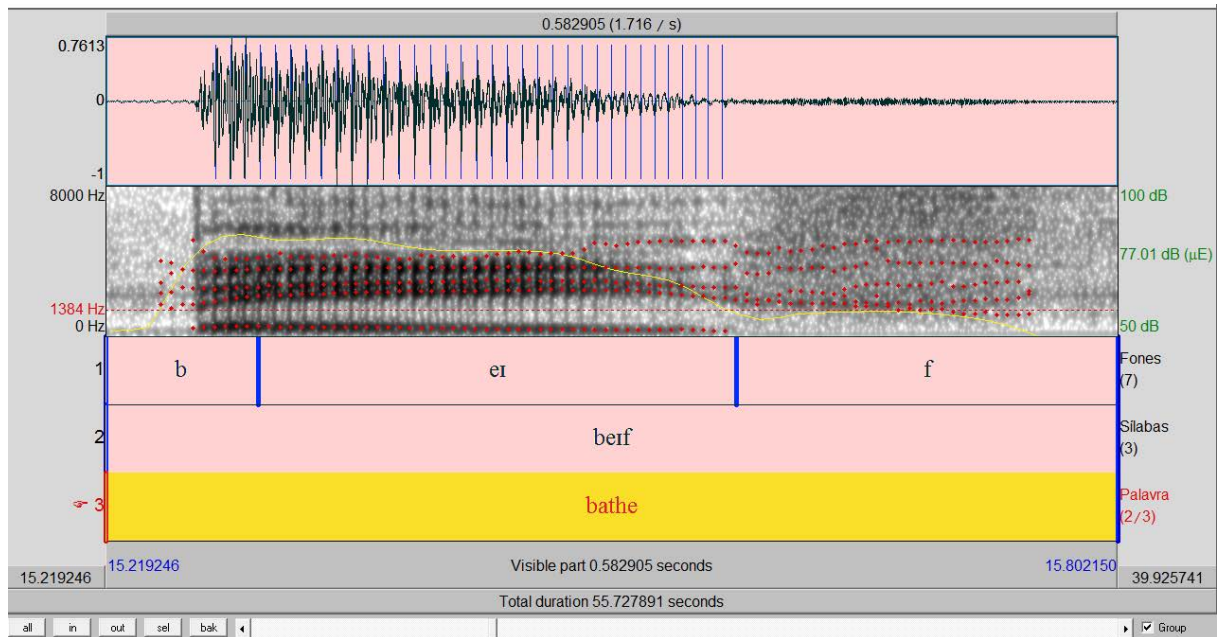
Fonte: Boersma, P. & Weenink, D.

3.2 Análise dos dados

Com os dados organizados, podemos notar que havia um desvio em sons como [θ] e [ð], o que já era esperado. Porém, é interessante de se observar que o desvio segue respeitando o vozeamento esperado no português, como podemos ver com os exemplos a seguir. Abaixo, nota-se a pronúncia da palavra *bathe*, que em português significa “banhar”. Existe um par análogo formado com a palavra *bath*, que significa “banho”, sendo assim: [beɪð] x [bæθ]. Isso acarreta a percepção de que palavras diferentes, com sentidos próprios, se formam a partir dessa oposição na posição de coda.

A seguir, descreveremos cada tela do Praat de acordo com o que foi observado nas palavras analisadas. Na figura 2, nota-se a divisão dos segmentos da pronúncia da palavra *bathe* pelo informante 1. Como pode ser notado, há um [f] onde deveria ocorrer [ð]. Além disso, podemos ver a diferença da tonalidade no espectrograma entre as formantes de [b] e [eɪ] com as formantes de [f]. As áreas escuras indicam vozeamento e as claras desvozeamento.

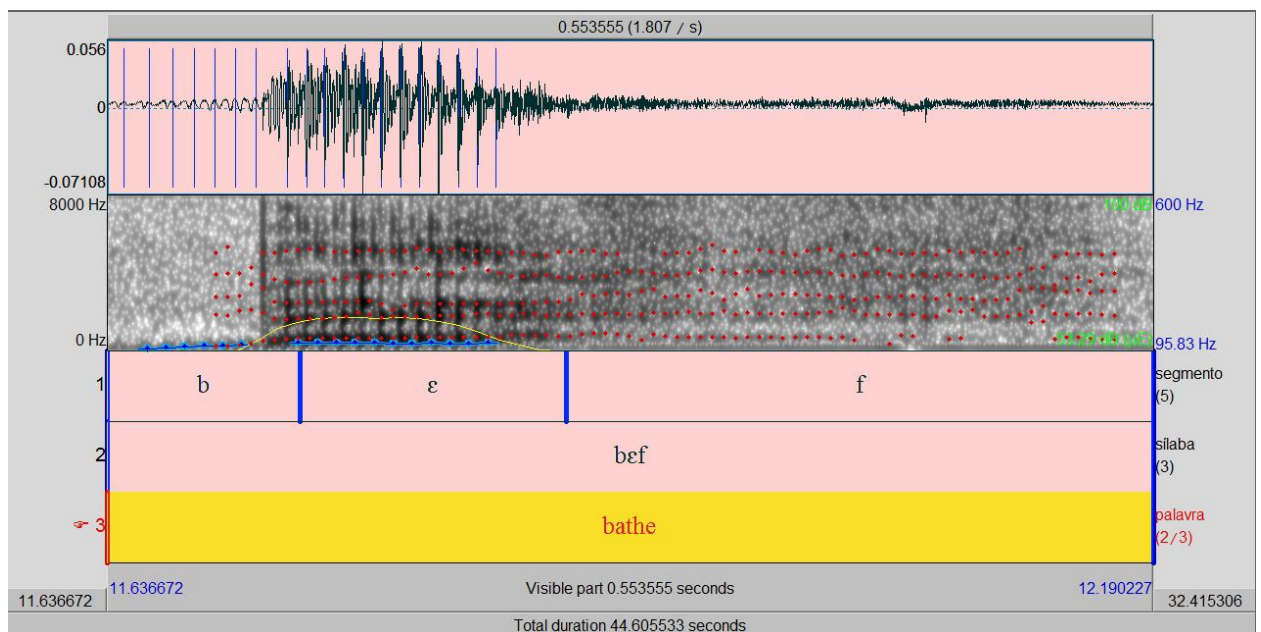
Figura 2 – Tela do PRAAT para a palavra *bathe* (realização [beif])



Fonte: Boersma, P. & Weenink, D.

Neste próximo exemplo (figura 3) ocorre algo parecido com que foi explicado no anterior. A diferença é que o informante alongou a coda, mas ainda assim é possível notar as mesmas diferenças na tonalidade dos formantes, mostrando áreas de vozeamento e desvozeamento.

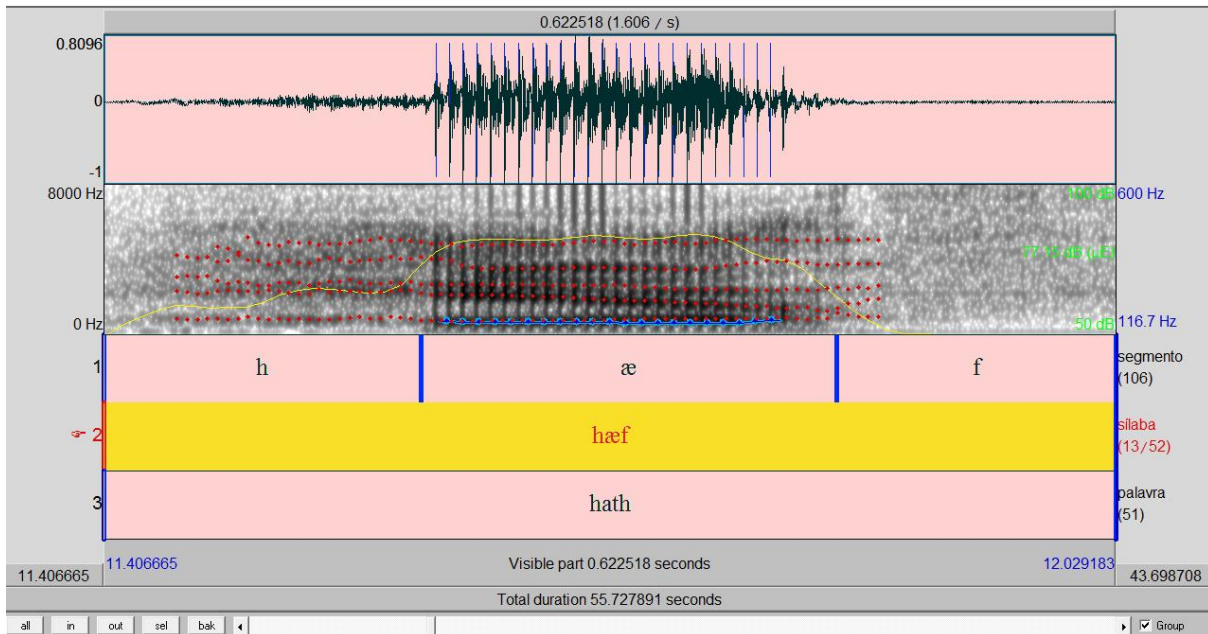
Figura 3 – Tela do PRAAT para a palavra *bathe* (realização [bef])



Fonte: Boersma, P. & Weenink, D.

Aqui é mostrada a diferença do espectrograma com a palavra *hath* (figura 4). Como ela possui onset desvozeado [h] e também coda desvozeada [f] fica bem clara a diferença dos formantes das consoantes com os da vogal.

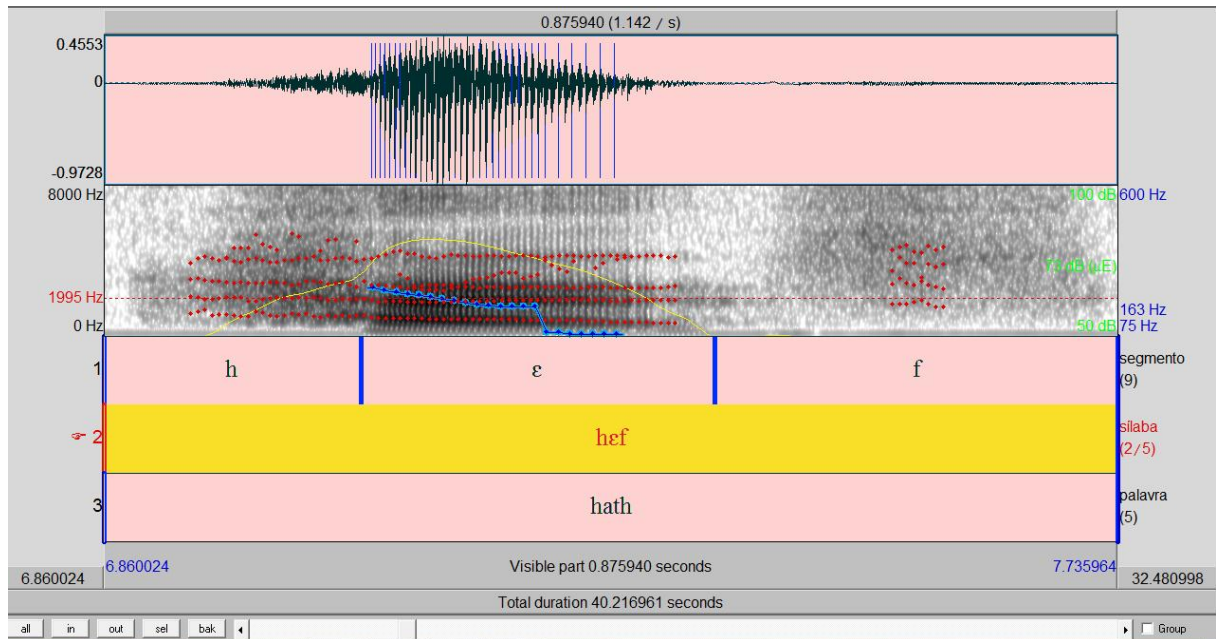
Figura 4 – Tela do PRAAT para a palavra *hath* (realização [hæf]).



Fonte: Boersma, P. & Weenink, D.

O exemplo a seguir (figura 5) mostra ainda com mais clareza a diferença de tonalidade entre formantes.

Figura 5 – Tela do PRAAT para a palavra *hath* (realização [hɛf]).



Fonte: Boersma, P. & Weenink, D.

A fim de se ampliar essa observação, temos o seguinte quadro, que contém a transcrição de todos os informantes ao pronunciarem *bathe* e também *hath*, palavra escolhida para mostrar o que ocorre quando se tem uma coda desvozeada:

Quadro 1 – Lista com as realizações das palavras *bathe* e *hath* por cada informante

Informante	Bathe [beɪð]	Hath [hæf]
1	[berf]	[hæf]
2	[berf]	[hæf]
3	[betʃ]	[hɛf]
4	[ˈbatʃɪ]	[ˈhatʃɪ]
5	[berf]	[hæf]
6	[bɛf]	[hɛf]
7	[bɛf]	[hɛf]
8	[ˈbadə]	[ˈhɛdʒɪ]
9	[baˈfe]	[ˈhetʃɪ]
10	[ˈbetʃɪ]	[ˈhetʃɪ]
11	[bɛf]	[hɛv]
12	[bɛf]	[ˈhefi]

13	[bɛf]	['hætʃɪ]
----	-------	----------

Fonte: Elaboração própria

Nesse caso, temos uma palavra com uma fricativa dental vozeada na coda [bɛð] e outra com uma fricativa dental desvozeada [hæθ]. Pode-se notar que nas duas ocorrências a pronúncia dos informantes foi realizada de forma a estabelecer um som desvozeado na coda ou na sílaba formada na posição final, com apenas uma exceção, a do informante 8, que havia começado a estudar inglês dois meses antes da gravação e estabeleceu estratégias para a pronúncia mais difíceis que os outros, demonstrando maior insegurança na leitura.

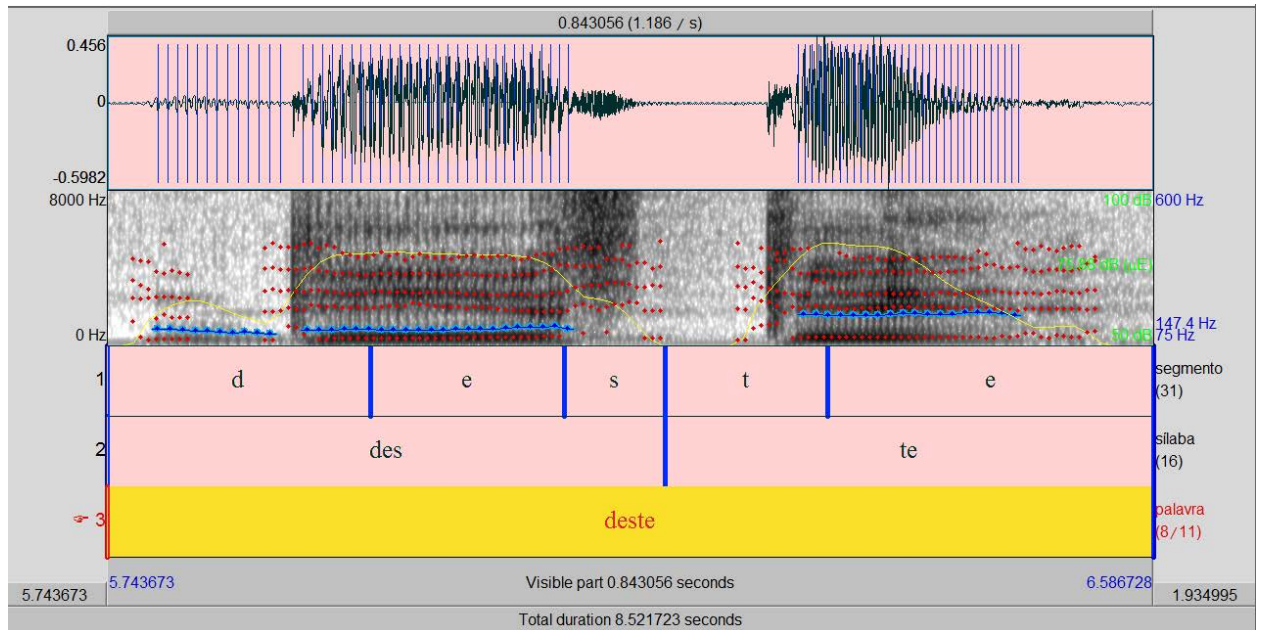
Assim, estabelecemos que é comum o aparecimento das seguintes estratégias: nos casos em que ocorre um [f] na coda, há o deslocamento do modo de articulação, que vai de dental para labiodental. Já quando se estabelece um [tʃ] e notando que não há ocorrências de [t], gera-se assim uma africada devido à realização da epêntese como nos casos de ['bɛtʃɪ] e ['batʃɪ] e, nos casos de [bɛtʃ], a africada ocorre sem a vogal epentética pelo fato de os alunos terem sido ensinados sobre não se pronunciar o “e” final das palavras em inglês e assim evitarem falar uma vogal. Contudo, por apresentar uma coda difícil de ser pronunciada por brasileiros, já que em português não se tem uma produção ampla de consoantes nessa posição e ainda por cima ser uma fricativa dental, a tentativa de se produzir a vogal ainda é marcada pelo aparecimento dessa africada, pois como vemos nos dados em que ela aparece, ocorre um processo de palatização e, nos casos em que não aparece, possivelmente ocorreu o apagamento da vogal, mas ainda mantendo suas características articulatorias que afetam a consoante.

Por fim, pudemos ver que ao se realizar a palavra *bathe* há a produção de uma consoante desvozeada e ao observarmos *hath*, há também uma consoante desvozeada.

Apesar de os dados mostrarem que há alterações no local ou modo de articulação, o deslocamento do vozeamento ocorre de forma regular e não como estratégia de pronúncia, pois nos dois casos ele se mantém estável dentro do que se espera da fonologia do português.

Para entender como o português lida com a coda, seguimos com as próximas transcrições feitas pelo *Praat*. A tela abaixo (figura 6) mostra a palavra *deste* e deve ser comparada com a próxima tela (figura 7) e a palavra *desde*. Ao observar o *onset* da segunda sílaba, temos um [t], que é desvozeado. Isso faz com que o som anterior a ele, um [s], carregue o traço desvozeado por assimilação regressiva.

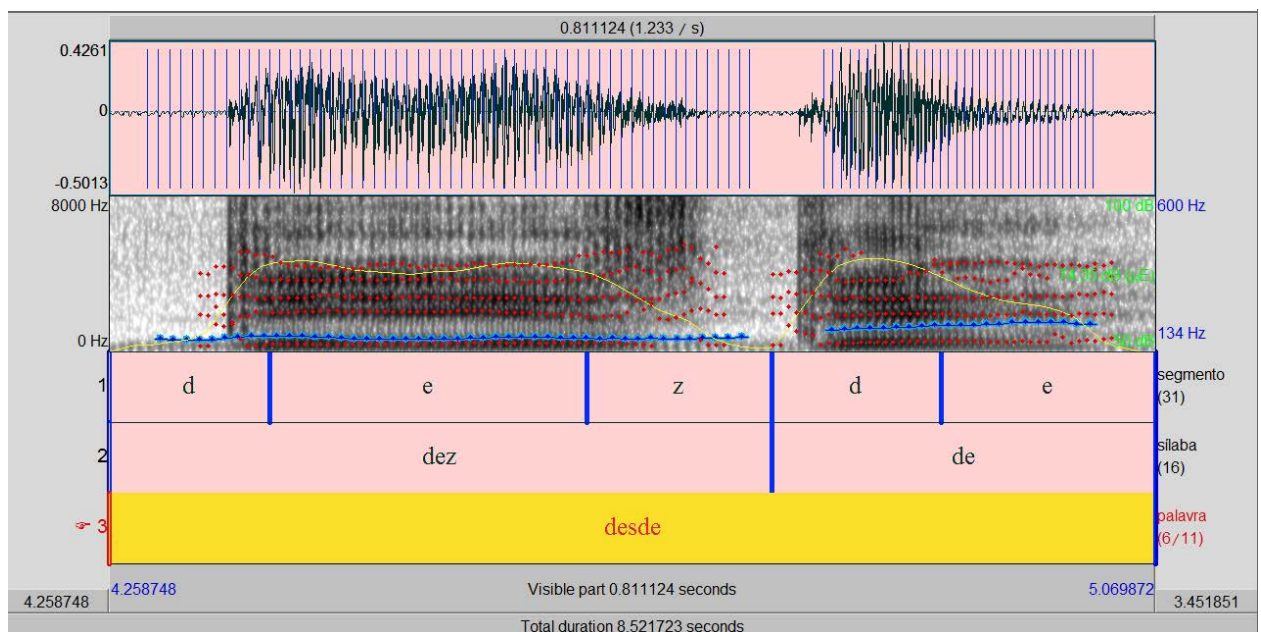
Figura 6 – Tela do PRAAT para a palavra *deste*.



Fonte: Boersma, P. & Weenink, D.

Em *desde* (figura 7) ocorre uma assimilação regressiva, como no exemplo anterior. Como há a realização de um [d], que é vozeado, o som anterior [z] se realiza devido a esse traço vozeado ter sido transferido.

Figura 7 – Tela do PRAAT para a palavra *desde*.

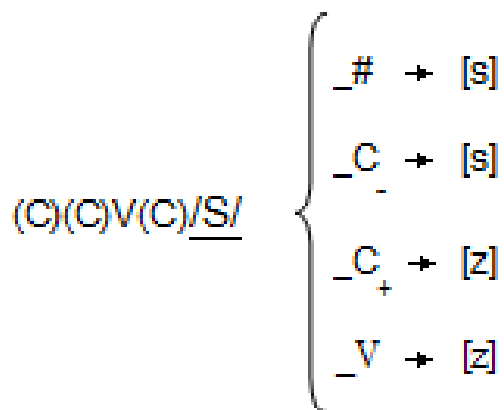


Fonte: Boersma, P. & Weenink, D.

O que vemos nesses casos é a aparição de uma coda representada pelo grafema <s>, porém, com duas realizações distintas: [s] para *deste* e [z] para *desde*. Isso se deve ao processo conhecido como assimilação regressiva, ou seja, um som se adapta às características fonéticas do som que vem a seguir. Como [t] é desvozeado, a realização de [s] se mostra por esse som ser também desvozeado. Da mesma forma, [d] sendo vozeado, a fricativa da sílaba anterior realiza-se [z].

Tal fenômeno define o surgimento de um arquifonema /S/ em português, com seus alofones realizados como [s] e [z]. Podemos observar a seguinte figura para entender como esse processo fonológico se dá:

Figura 8 – Processo de assimilação regressiva do arquifonema /S/ no português



Fonte: Elaboração própria

Entende-se, assim, que a fricativa alveolar em posição de coda no português brasileiro, na variedade de São Paulo, não apresenta um valor fonológico distintivo. A realização depende do contexto em que se encontra e respeita o vozeamento por assimilação.

Essa produção é típica do português brasileiro, sofrendo mudanças de acordo com a variedade regional. Por exemplo, o mesmo ocorreria na fala do Rio de Janeiro, porém, ao invés de [s] e [z] realizaria-se respectivamente [ʃ] e [ʒ], menos diante de vogal, que ainda ocorre como [z]. Portanto, considerando esse fenômeno, espera-se que um falante de português procure realizar da mesma forma a coda de palavras em línguas estrangeiras. Para apoiar essa observação, temos exemplos como as figuras 1 e 2, que demonstram como os informantes neutralizaram a palavra *bathe*, pronunciando-a de forma aproximada à realização de *bath* por ser uma palavra isolada e assim estar diante de silêncio, logo: CVC {# -> [f].

Isso acarreta duas possíveis dificuldades para os falantes brasileiros: (a) por não produzir uma distinção em palavras que são bem marcadas em outra língua, não se pode esperar que falantes nativos dessa língua sejam capazes de compreender com facilidade enunciados produzidos por estrangeiros, o que pode gerar dúvidas e interpretações errôneas, tornando assim o próprio ato de se comunicar falho e trabalhoso. (b) Por não estarem habituados a produzir esses sons distintivamente, provavelmente os falantes de português também não serão capazes de escutar as diferenças geradas por eles, pois as realizações serão neutralizadas em seu sistema fonológico, quando essa mesma neutralização pode não ocorrer em sistemas fonológicos de outras línguas.

Com essas dificuldades, a situação gerada será a de pessoas que acreditam estar se comunicando claramente, mas não o estão e não são capazes de perceber onde o problema se dá. Das possíveis causas que podem ser levantadas para então corrigir a pronúncia e resolver a situação comunicativa, dificilmente a qual analisamos seria considerada, pois ela é pouco comentada em aulas de inglês e sua manifestação soa natural nas duas línguas, em inglês realizando uma distinção e em português uma neutralização, fazendo assim com que receptor e emissor não tenham pistas evidentes para estabelecer uma solução que seja realmente eficiente.

Para reforçar como o vozeamento em coda é uma posição distintiva em inglês, é possível sem muita dificuldade estabelecer listas de exemplos que comprovem essa ocorrência, como a seguinte:

teeth [ti:θ] x teethe [ti:ð]

dentes x criar dentes

advice [æd'vaɪs] x advise [æd'vaɪz]

conselho x aconselhar

face [feɪs] x phase [feɪz]

face x fase

false [fɔ:ls] x falls [fɔ:lz]

falso x quedas

É interessante observar nesses exemplos o caso das palavras face x phase, que seriam traduzidas como “face” e “fase”. Temos, assim, uma distinção muito parecida em que [s] e [z] geram palavras diferentes com significados claramente distintos. Porém, isso mostra que a distinção marcada em português se dá como onset, e não como coda.

3.3 Pesquisa em material didático

Foi feita uma pesquisa em dois livros utilizados em aulas de inglês para ensino de pronúncia, “*English pronunciation for Brazilians: the sounds of American English*” (GODOY, GONTOW, MARCELINO, 2006) e “Pronúncia do Inglês para falantes do português brasileiro” (SILVA, 2012). Constatou-se que, neles, há referências claras sobre o que se espera da pronúncia de um brasileiro na posição de onset, mas não na de coda. Observando a bibliografia analisada, podemos notar que em Godoy, Gontow e Marcelino (2006, p. 51) há uma explicação breve: if the “th” is similar to /f/, /t/ or /s/, it’s voiceless (/θ/), if the “th” is similar to /v/, /d/ or /z/, it’s voiced (/ð/)². Contudo, não há qualquer indicação do comportamento dessa realização em coda, o que entendemos ser uma descrição que contempla apenas a posição de onset.

Já em Silva (2012, p. 126), temos o seguinte:

É comum entre falantes brasileiros de inglês ocorrer a substituição de θ ou ð por outros sons. Geralmente, substitui-se θ por s f ou t. Já a consoante ð tende a ser substituída por z ou d. Vale ressaltar que, ao substituir os sons θsft por ðzd, pode ocorrer troca de significado das palavras.

Essa afirmação também não comenta a mudança no vozeamento esperada na coda. O que concluímos com isso é que normalmente, nesses materiais, há um foco muito maior na pronúncia considerada “ideal”, ou seja, de um ponto de vista de um sotaque neutro ou de variedades neutralizadas, como o *General American English* e a *Received Pronunciation*³, o que já se torna extremamente útil para quem quer aprender a pronúncia de inglês como língua estrangeira, mas não observa alguns processos importantes que podem gerar problemas comunicativos como os descritos neste trabalho, restringindo-se assim a explicar casos que são mais marcados e facilmente compreensíveis para aprendizes que não conhecem muito sobre fonologia.

Caso nos apossamos em materiais didáticos estrangeiros, ocorre então outro problema: não há uma contemplação objetiva dos problemas enfrentados por brasileiros, pois eles buscam estabelecer uma descrição mais ampla sobre o que se espera da fonologia do inglês, sem a possibilidade de compará-lo exaustivamente com todas as línguas, cabendo assim,

² Se o “th” for similar a /f/, /t/ or /s/, ele é desvozeado (/θ/), se o “th” for similar a /v/, /d/ or /z/, ele é vozeado (/ð/).

³ *General American English* e *Received Pronunciation* são os sotaques considerados padrão no ensino de inglês como língua estrangeira. Respectivamente, eles se referem à pronúncia típica dos Estados Unidos e da Inglaterra.

como opção para aprendizes que não tenham contato direto com os estudos da fonologia, e que assim seriam capazes de entender esses materiais de forma mais complexa, os materiais escritos para um público específico, como as duas obras citadas.

4 CONCLUSÃO

A análise feita nesse trabalho reforça os argumentos sobre o ensino de pronúncia inglesa para brasileiros. Não se deve buscar a reprodução perfeita de uma variação nativa, pois isso vai contra os fundamentos da sociolinguística e da aquisição da linguagem. Como temos uma identidade, ela será preservada por mais que se estude com afinco toda a fonologia de uma outra língua.

De um ponto de vista sociolinguístico, estamos cercados por variedades dentro de cada língua, isso é, nenhuma língua no mundo está limitada a uma única forma padrão, a um único conjunto de regras, e por isso, os falantes são capazes de compreender diferenças que não correspondam exatamente àquilo que eles próprios fariam, pois até mesmo a fala de um mesmo indivíduo sofre mudanças de acordo com o contexto em que se expressa.

Já ao considerarmos os preceitos da aquisição da linguagem, temos que nos atentar que a forma como uma criança e um adulto adquirem uma língua difere muito entre si. Ao tratarmos do aprendizado de adultos, é necessário que se exponha uma lógica mais concreta, pois estamos inseridos em processos de percepção e processamento de informações diferentes do das crianças. Assim, a Fonologia fornece materiais, discussões, análises e ideias que podem contemplar de forma mais adequada esse público, permitindo que o aprendizado de língua ocorra de forma crítica, desenvolvendo uma consciência cada vez maior sobre os processos que nos cercam e que geram isso que conhecemos como língua.

Em contrapartida, devemos atentar ao ato de comunicação em si e com isso realizarmos uma pronúncia clara e que transmita sem dificuldades para o receptor a mensagem que queremos passar. Pensando nessa função, entender como a coda do português se manifesta mostra um elemento a mais para se estudar ao considerar a fala de aprendizes brasileiros. Como visto nos materiais analisados, esse aspecto não costuma ser contemplado.

Os dados mostram que é clara a ocorrência de codas neutralizadas em português e que elas são assim transferidas para uma segunda língua. Entendemos que mesmo alunos com mais experiência têm dificuldade de observar essa realização e de seguir o padrão esperado pelo inglês, pois ela soa natural demais a ponto de pouco ser discutida.

Esperamos, com esse trabalho, contribuir com mais material disponível para alunos que se interessem pelos estudos sobre a pronúncia do inglês como língua estrangeira para brasileiros. A contribuição aqui proposta com a análise do vozeamento em coda e as definições de como ele se dá em português, em inglês e quando o inglês é falado por

brasileiros, busca esclarecer esse tópico pouco descrito nos materiais didáticos e servir de base para trabalhos futuros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale ainda ressaltar alguns resultados paralelos que este trabalho gerou. Foi possível, a partir das reflexões obtidas pela leitura da bibliografia, das reuniões de orientação e da experiência em sala de aula, proporcionar duas oficinas de fonética e fonologia no campus Araraquara da UNESP. Contando com mais de 40 estudantes, entre graduandos e pós-graduandos, os livros utilizados neste trabalho foram postos em prática de aula.

Com isso, pudemos notar que há interesse no uso da fonética como ferramenta de ensino de pronúncia e que ele se faz não somente útil, mas eficiente. Ainda possuímos poucos materiais que abordam a fonologia do inglês como L2 para falantes de português brasileiro e por isso seria fundamental que a produção bibliográfica nesta área recebesse mais títulos.

REFERÊNCIAS

- BBC (Brasil). **Brasileiros falam inglês de 'qualidade muito baixa', diz pesquisa.** Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/10/121024_ingles_brasil_rp.shtml>. Acesso em: 18 nov. 2013.
- Boersma, Paul & Weenink, David. **PRAAT: doing phonetics by computer.** V 5.3.68. Sl., s.e. Disponível em: <www.praat.org>. Acesso em: 18 nov. 2013.
- CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica:** introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras. 2002.
- CRISTÓFARO-SILVA, T; YEHIA, H. C. **Sonoridade em Artes, Saúde e Tecnologia.** CD-ROM, Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2012. Disponível para download em: <<http://fonologia.org>. ISBN 978-85-7758-135-1>. Acesso em 18 nov. 2013.
- GODOY, S., GONTOW, C., MARCELINO, M. **English pronunciation for Brazilians:** the sounds of American English. Barueri: Disal. 2006.
- SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do Português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2005
- SILVA, T. C. **Pronúncia do Inglês para falantes do português brasileiro.** São Paulo: Contexto. 2012.
- WIKIPEDIA (Estados Unidos). **Cooking.** Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Cooking>>. Acesso em: 18 nov. 2013.